XII Salão de Iniciação Científica PUCRS

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *INVESTIGAÇÃO DIALÓGICA* ENQUANTO SUGESTÃO METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

OLIVEIRA, Iuri Coelho[1], BORTOLI, Leonardo de A[2], GONÇALVES, Rita de Athayde [1]
(orientadora - Professora Colaboradora do subprojeto Filosofia/PIBID/UNIFRA)

[1] *Centro Universitário Franciscano, UNIFRA/RS,* [2] *Curso de Filosofia*

Resumo

A obrigatoriedade da Filosofia, enquanto componente curricular da escola média levanta muitos problemas, dentre os quais se encontra o referente à metodologia adequada. A presente pesquisa, vinculada ao PIBID/ subprojeto da Filosofia, é parte de um estudo que vem sendo realizado, cujo tema central é a metodologia do ensino de Filosofia. Para tanto, no que segue, serão trabalhados aspectos relativos a essa problemática, cujo guia no trato da questão será a abordagem dada por Sofiste (2007). Em sua perspectiva o ensino de Filosofia encontra respaldo no modo como Sócrates a fazia: através do diálogo.

Introdução

Objetiva-se discutir acerca do ensino de Filosofia, tomando como base alguns pontos desenvolvidos por Sofiste (2007), que propõe a Investigação Dialógica, metodologia baseada nos princípios socráticos do filosofar. Nesse sentido, são analisados conceitos fundamentais na educação, como conteúdo, sala de aula, professor, aluno e são apontadas as diferenças entre o que o mencionado propõe e a atual compreensão acerca dos mesmos.

Metodologia

Através da abordagem qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, será consultado um autor que trata sobre o ensino de Filosofia, Sofiste (2007), o qual apresenta uma proposta metodológica denominada *Investigação Dialógica*[1]. Assim sendo, o objetivo

[1] Quando houver referência à expressão *Investigação Dialógica*, esta será representada pela sigla "I. D.".

que dirige o presente texto é trazer à discussão a I. D. como proposta eficaz para o ensino de Filosofia na escola média.

Resultados e Discussão

A obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no Ensino Médio brasileiro levantou uma problemática de caráter metodológico, quanto ao seu devido desenvolvimento. Entre tantas metodologias adequadas a seu ensino, destaca-se o método socrático de fazer filosofia.

No diálogo *Eutífron* (PLATÓN, 1988), pode-se observar claramente o procedimento de Sócrates quando conclui a investigação sobre a piedade com seu discípulo, dizendo-lhe: "Portanto, temos que examinar outra vez desde o princípio o que é o piedoso, porque eu, com certeza, não cessarei a busca até conseguir sabê-lo" (15 b).

Assim, *diálogo* é entendido, na I. D., enquanto conteúdo de significação ética e humanizadora e, portanto, lugar de formação do homem e do mundo. Esta acepção converge, segundo Sofiste, com Freire (2005), quando este trata da dialogicidade (como essência da educação como prática de liberdade). A *Investigação* é, enquanto princípio metodológico, entendida também na perspectiva freireana, segundo a qual "só existe saber pedagógico na invenção, no reinvento, na busca inquieta, impaciente, permanente" (FREIRE, 2005). Nesse sentido, a investigação e o diálogo entre professor e aluno ocorrem em torno do que os une: o conhecimento.

Para a concretização desse objetivo é importante caracterizar a concepção de educação atual, designada por Sofiste como *pedagogia de armazém*, modelo este que está presente em muitas das escolas brasileiras, sobretudo, nas de Ensino Médio, e para a qual:

> A **escola** é entendida como a socializadora do conhecimento, uma espécie de intermediária entre a alguém que produz e alguém que consome conhecimentos. O **professor** é o balconista, alguém encarregado de transmitir ou vender o conhecimento, que ele não produziu, mas que copia de alguém. O **estudante** é o consumidor, também à imagem e semelhança do professor e da escola, não pensa, não produz, apenas escuta aula, anota e faz prova (SOFISTE, 2007, p. 24)[2].

Nesse contexto, a I. D. entende os conteúdos historicamente constituídos da Filosofia como os meios para o filosofar. A pedagogia socrática consiste, portanto, não no ensino da Filosofia, mas no fazer Filosofia. Propõe que o educando passe a sujeito de seu próprio pensar, conceitue, raciocine, interprete, relacione-se com o outro, originando a ideia de que ambos – professor e aluno – são parceiros na investigação, cuja convivência seja de "diálogo

[2] Grifos do auto

na criação de conhecimentos e valores" (SOFISTE, 2007). Para viabilizar o desenvolvimento dessa proposta é necessário que ocorram acentuadas mudanças nas concepções de conteúdo, sala de aula, professor e aluno.

De acordo com Sofiste (2007), a I. D. compreende que os *conteúdos não são* os próprios conceitos, extraídos da História da Filosofia, mas que é preciso os alunos experimentarem o filosofar. Tais conteúdos são os meios para essa experiência – o que não exclui o uso de outros recursos. A *sala de aula* deve ser um ambiente que propicie a investigação, o diálogo, a construção coletiva de saberes. O *professor*, um investigador como os alunos, os auxiliará na criação do conhecimento, estando sujeito aos mesmos procedimentos teórico-metodológicos dos alunos, no sentido de fundamentar seus posicionamentos quanto a determinadas temáticas, por exemplo, e, como coordenador, sua tarefa é zelar para o sucesso da investigação. Os *alunos* não têm papel passivo, mas planejam as ações para alcançar conhecimento, executam e as avaliam no fim do processo com o professor, concluindo se foram adequadas, ou não e em que medida.

Conclusão

Segundo a proposta de Sofiste (2007), não é possível que em uma aula de Filosofia haja transmissão de ideias, conceitos ou teorias, que se consolidaram como clássicas ao longo da História da Filosofia. Esse monumento teórico é um recurso nas mãos do professor. Do mesmo modo, este não é possuidor de todo o saber, mas aquele cujo papel é conduzir o diálogo, juntamente com os alunos.

Em suma, I. D. estabelece relação com a realidade brasileira, especificamente no que se refere ao ensino da disciplina de Filosofia; assim, entende que o papel da escola, do professor, dos alunos pertencem a uma concepção dialógica; e estão intimamente relacionadas à maneira como Sócrates fazia Filosofia, dialogando, considerando que todos, enquanto homens se sentem instigados e perplexos ante a realidade que os espanta, e que, portanto, a única forma de viver é encarando-a, é conhecendo-a, é, portanto, filosofando.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

PLATÓN. Eutífron. In: PLATÓN. **Obras completas.** Madrid: Aguilar, 1988. 1715 p. (pp. 327-49).

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o Ensino da Filosofia**: Investigação Dialógica - Uma pedagogia para a docência de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 157 p.